

betty milan

A MÃE ETERNA

editora Record

Não tenho mais como me abrir com minha mãe, ela escuta pouco e quase não se interessa. Por causa da idade avançada, deixou de ser quem era. Para suportar a perda, escrevo a uma interlocutora imaginária, uma interlocutora tão capaz de um amor incondicional.

A escrita é um recurso vital quando a palavra é impossível e, na falta do destinatário desejado, a gente inventa outro. A primeira frase que eu escrevi foi Se eu pudesse... Deixei na gaveta até que o texto se impôs... talvez para me salvar.

Se eu pudesse te dar de novo a vida... fazer você nascer de mim como eu nasci de você... Não paro de desejar o impossível. Apesar dos seus 98 anos, não suporto te perder. Eu, que sei do fim de tudo, não me conformo com o seu fim. De que adiantou ler os budistas e saber que tudo muda, “as causas e as condições variam continuamente”? Que a vida é “fluxo de criação, transformação, extinção e nada permanece”? Sei que só a impermanência possibilita a renovação do universo, porém o coração não acompanha a cabeça.

Acredito que posso curar as suas mãos se eu mesma puser a pomada nos seus dedos, imprimindo neles o meu ritmo. Acredito, embora estejam tomadas por uma micose há anos. Mais parecem as mãos de uma mendiga.

Você, toda encurvada, é mais pobre do que os mais pobres, mais despossuída. A sua esperança de vida é a menor. E, embora você diga e repita que está preparada para morrer, não aceita a morte.

Nunca soube o que era doença. Precisou da velhice para estar “preparada”. Saber que a morte podia te alcançar em qualquer lugar e, portanto, que era preciso estar pronta para ela não bastou. A leitura dos clássicos é insuficiente.

Quando você diz que quer morrer, eu me digo que seria melhor para você não sofrer. No entanto, procuro silenciar o seu voto.

— Quer mesmo um remédio para ir embora? Posso te dar um.

Você me ouve e se cala. Não sei se eu falo para você se calar ou porque não suporto mais ver o que o tempo fez com você... enxergar a ruína em que você se transformou. Já não levanta os pés quando anda, arrasta-os. Segue precedida pela cabeça, por causa da coluna... parece um monolito ambulante. Quando senta, dá a impressão de que não vai mais se levantar.

Isso ora me dá pena, ora me causa horror — o horror do que posso vir a ser. Não sei se a compaixão, que os religiosos preconizam e alcançam, é o resultado de um esforço heroico ou da negação da realidade. Será que eles enxergam o que veem?

Por que você e eu temos que passar por isso tudo? A estranha pergunta do meu filho pequeno hoje ressoa no meu ouvido e faz sentido.

— Com que direito, mãe, você me deu a vida?

Não me ocupo dos cuidados físicos de que você precisa, mas tenho satisfação em ler o que você deseja ouvir. A meio metro de você e bem na sua frente. Para que, vendo os meus lábios e a minha expressão, você entenda o que ouve e o seu rosto se ilumine. Nessa hora, tenho o sentimento de ser poderosa, tanto quanto você foi nos meses em que eu estive no seu ventre e precisava de proteção... no tempo em que eu era apenas uma promessa.

Para suportar a perda, mesmo sem viajar, eu me expatrio. Tomei um vinho do porto e me vi sentada no café mais antigo de Lisboa, o Terreiro do Paço. Me lembrei das arcadas amarelas que circundam a praça, da estátua equestre de bronze com a pátina verde, e desci no cais das colunas, por onde antigamente os monarcas entravam na cidade. Fui descendo os degraus sem pressa, até ouvir o murmúrio do Tejo e olhar o horizonte.

Pouco depois do último trago, a empregada me telefonou, falando da melhora das suas mãos. Soube da eficácia do tratamento que fiz. Mas, paradoxalmente, não me alegrei. A sua dependência não pode me alegrar. Que filha quer ser a mãe da mãe? A pergunta não significa que eu não esteja disposta a “cumprir o meu papel”. Me disponho ao

necessário, porém, queira ou não, eu peno — não sou monge nem padre.

Meu dever me exaspera, porque me impõe um luto. Nada foi melhor do que ser sua filha no tempo em que você podia me facilitar a vida. De repente, no entanto, a melhor das mães não pode mais nada. Se quiser me dar um presente em dinheiro, me pede antes para contar as notas da carteira.

— Vê aí quanto tem...

Não recebo o presente sem me dar conta da sua falência e me digo que teria sido melhor não receber nada.

Você hoje chegou em casa sozinha num táxi especial. Tocou a campainha repetidamente, expeditiva, e entrou me chamando e já seduzindo a empregada nova.

— Que menina bonita! De onde foi que você saiu?

— Daqui mesmo.

— Você é bonita porque é jovem. Quantos anos?

— Vinte e quatro.

— A vida pela frente.

— Não sei, não.

— Quantos você me dá ?

— Não sei dizer.

— Pois eu tenho 98.

— Verdade?

— Ana Lúcia está? Sou a mãe dela.

— Um minutinho. Vou já chamar.

Fiquei irritada ao te ver na sala de casa. Será que você não se dá conta de que não pode mais sair desacompanhada? De que você põe a sua vida em risco? Veio de táxi sozinha!

— Da próxima vez que você vier aqui sozinha, eu te mando de volta. Não faz isso de novo!

Você não ligou para o que eu disse e, antes mesmo que eu protestasse, me cobrou com uma pergunta.

— Por que você não foi ao enterro da minha amiga? Telefonei para sua casa e ninguém atendeu.

Fiquei o tempo todo sozinha no velório. Você sabia do enterro... o filho dela te avisou.

— Verdade, eu sabia. Não fui, não pude ir. A reunião durou mais do que eu imaginava. Mandei uma carta para o filho da sua amiga.

— E a carta diz o quê? Quero ver se você foi mesmo capaz de consolar o menino.

— “Sei do luto, da tristeza. Mas a sua mãe não deixou de existir porque deixou de viver. Nunca será esquecida.”

Você se satisfaz, dizendo-se talvez que eu nunca me esquecerei. Mas a vida será mais fácil depois que você não estiver aqui. Não vou ter medo de que algo de ruim te aconteça.

Ao sair da minha casa, você tropeçou na soleira da porta e só não caiu porque a empregada te segurou. Ainda bem que você a seduziu ao entrar. O tropeço, aliás, nada significou para você, que se aprumou e foi embora. Ou por nem ter se dado conta do tropeço ou por ter tirado de letra.

Não sei bem o que devo pensar do ocorrido. Conte para o meu irmão.

— Por que você não respeita a liberdade da mãe?

— Mas a que liberdade você se refere? À

liberdade de tropeçar, cair e se machucar?

Como pode o meu irmão não enxergar a realidade? Não vê que você pode fazer mal a si mesma. Temo, inclusive, que o seu verdadeiro problema seja falta de crítica. Você não percebe que já não tem condições de ir e vir. Ou tem e eu estou enganada? Já caiu inúmeras vezes. Ao sair, pode ser atropelada e, até mesmo, numa cidade como a nossa, sequestrada. Se isso acontecer, como fico eu quando for chamada para te socorrer? Você caída no meio da rua... a perna esmigalhada. Você nas mãos de um sequestrador... Como fico eu, se tiver que negociar com o bandido?

— Alô? O quê? Foi sequestrada? Não é comigo, eu não estou aqui... passe bem.

Você não dá sossego. Só mesmo se eu pudesse te amarrar, e provavelmente nem assim, porque você encontraria um modo de escapar ao meu controle.

Ontem, você chegou em casa sem aviso prévio. Hoje, fez isso no escritório, entrou sem perguntar se podia ou não, e, com a sua simples presença, suspendeu uma reunião de advogados que havia apenas começado, por ter certeza de que a filha devia estar lá para você.

Você considera que é um direito chegar sem mais nem menos, pois sempre estive disponível. Só não digo que eu não pedi para nascer por ser um absurdo e, sabendo que você não tem crítica, não posso te responsabilizar pelos seus atos.

À mesa, quer ser servida como bem entende. Exige que eu acrescente sal e vinagre numa salada já bem temperada. Mais que isso, ponha quatro colheres de açúcar no seu café. O médico? Ora ...

— Tanto açúcar assim?

— Não aborrece. Quatro colheres, eu já disse. Por que você se preocupa? Me deixa em paz. Passa o açucareiro.

Passo, considerando que não foi graças ao médico que você chegou aos 98 anos e que você sempre foi de bater o pé, embora a batida agora seja diferente... descontrolada, impulsiva. Winston Churchill depois da queda...

Pensando bem, não foi por acaso que a imagem

do primeiro-ministro me ocorreu. Churchill venceu a dificuldade de falar e se tornou um grande orador. Ninguém se esquece dos discursos que mantiveram o povo britânico coeso durante a Segunda Guerra. “Nada tenho a oferecer senão suor, sangue e lágrimas... Jamais capitularemos.”

Como o ministro — guardadas as proporções —, você não parou de se superar. Tem uma confiança inabalável em si mesma e se distingue pela capacidade de vencer obstáculos e resistir.

Queria porque queria se casar com meu pai. Alegando os muitos anos que ele teria até se formar, sua mãe insistiu para você mudar de rumo. Como as amantes clássicas, você respondeu que podia esperar o tempo que fosse, pois o noivo era tão único quanto o seu amor por ele. Venceu por ser capaz de um amor maior do que a vida.

Resistiu depois à morte do amado, conferindo a ele o dom da ubiquidade. Onde quer que você esteja, ele está com você. Por isso talvez me peça para ficar sozinha... sozinha com o amado certamente, de mãos dadas no cinema, dançando tango em Buenos Aires, ouvindo Piaf cantar “*La vie en rose. C’est lui pour moi/ moi pour lui dans la vie/ il me l’a dit m’a juré pour la vie.*”

O meu irmão não aparece... Só te telefona quando, por uma ou outra razão, ele se desespera. Deve se dizer que não foi para supliciá-lo com a imagem da sua decadência que você o pôs no mundo. Não tem consciência da irresponsabilidade. Tenho que perdoá-lo, pois ele é seu filho. Se isso acaso significa não me vingar dele, eu já perdoei. Impossível, no entanto, por mais indulgente que eu seja, não ficar ressentida. A menos que eu faça pouco dele.

O capítulo do desprezo pelo irmão é funesto. Desprezar é matar o irmão em si mesmo, perder a infância. Nós que vivemos na mesma casa, dormimos no mesmo quarto, brincamos juntos. Nós que nos gostávamos...

Se você pudesse me consolar! Mas o tempo do consolo passou. Você já não pode. Quem deve poder

agora sou eu e, para ser livre, preciso aceitar isso. Você hoje é menos a nossa mãe do que o legado de si mesma. Semiviva, como um passarinho que quebrou a asa e está destinado a permanecer até o fim no chão... que já não é passarinho, pois não voa.

Meu irmão não quer saber de você com a asa quebrada. Quer ser avisado no dia em que você morrer e ponto. Não pensa na sua morte como eu, pois não enfrenta cotidianamente a *via crucis* da sua decadência.

Só não desejo a sua morte porque você, de repente, ressurgiu como era... uma palavrinha ou um gesto que evoca o passado... e você me dá a ilusão de ser ainda a sua eterna filha.